

O pai na gestação, no parto e aos três meses de vida do primeiro filho

Hannah Fiterman

Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, Salvador, BA, Brasil
Email: hannahfiterman@hotmail.com

Lúcia Vaz de Campos Moreira

Universidade Católica do Salvador, Salvador, BA, Brasil
Email: lucia.moreira@ucsal.br

Resumo: Este artigo argumenta sobre o homem e suas transições para a paternidade. A partir das falas dos pais, o objetivo desse estudo foi investigar, na perspectiva do pai, o envolvimento paterno durante a gestação, o parto e o terceiro mês do bebê. A pesquisa enveredou por um caminho qualitativo longitudinal, com 30 homens que estavam sendo pais pela primeira vez. Foram construídos três roteiros de entrevista semiestruturados, contendo questões abertas, considerando os seguintes momentos: (a) último trimestre de gestação; (b) uma semana após o parto; (c) aos três meses do bebê. As falas dos homens entrevistados foram examinadas por meio da análise de conteúdo qualitativa. Os resultados apontaram para um movimento crescente de envolvimento paterno ao se considerar os três momentos de coleta de dados, indicando que os homens passam por contínuas transições, construindo novos significados da paternidade no dia-a-dia com o bebê.

Palavras-chave: Transições, paternidade, envolvimento paterno.

El padre durante la gestación, el parto y los tres meses de vida del primer hijo

Resumen: Este artículo discute sobre el hombre y sus transiciones para la paternidad. Con base en las declaraciones de los padres, el objetivo de este estudio fue investigar en la perspectiva del padre, la participación paterna en la gestación, el parto y los tres meses del bebé. La investigación se embarcó por un camino longitudinal cualitativo, con 30 hombres que estaban siendo padres por la primera vez. Se construyeron tres guiones semiestruturados de entrevista, conteniendo cuestiones abiertas, considerando los siguientes momentos: (a) el último trimestre de la gestación; (b) una semana después del parto y (c) los tres meses de vida del bebé. Fueron examinadas las entrevistas de los hombres por medio del análisis de contenido cualitativo. Los resultados muestran que hay un movimiento creciente en la participación paterna al considerar los tres momentos de recopilación de datos, lo que indica que los hombres se someten a transiciones continuas, construyendo nuevos significados de la paternidad que viven cotidianamente con el bebé.

Palabras clave: Transiciones, paternidad, involucramiento paterno.

The father during the gestation, birth and three months of life of the first child

Abstract: This article discusses men and their transitions to fatherhood. Based on the statements of the parents, the objective of this study was to investigate, from the perspective of the father, the paternal involvement in the gestation, delivery and three months of the baby. The research embarked on a qualitative longitudinal path, with 30 men being fathers for the first time. Three semi-structured interview scripts were constructed, containing open questions, considering the following moments: (a) the last trimester of pregnancy; (b) one week after delivery; and (c) the baby's third month of life. The men's interviews were examined by means of qualitative content analysis. The results show that there is a growing movement in parental involvement when considering the three moments of data collection, indicating that men are undergoing continuous transitions, building new meanings of parenting in their day-to-day life with the baby.

Keywords: Transitions, paternity, parental involvement.

* * *

Introdução

O presente estudo evidencia transições para a paternidade, tendo como cenário as pesquisas sobre envolvimento paterno, sobre o pai no nascimento do(a) primeiro(a) filho(a), engajado no cuidado do(a) filho(a), sobre o homem enquanto pai e inserido como participante nas tarefas de cuidar do bebê, junto com a mãe. Este estudo procurou utilizar diversos olhares masculinos, a partir da análise do envolvimento paterno, para contextualizar as transições advindas com a paternidade.

As diferenças entre os papéis de pai e de mãe são evidenciadas pelo casal de primeira viagem quando inicia a cuidar do bebê. Tradicionalmente, a mulher se torna mãe com o dever de cuidar do bebê e o pai, muitas vezes despreparado para tal função, atua no sustento da família. No entanto, é perceptível o movimento de homens que começam a ultrapassar fronteiras para ser pai, principalmente no período gravídico puerperal, que é naturalizado como momento de presenças femininas, e quando se espera, como participação paterna, a função de trabalhar para o sustento da família. É uma novidade cultural o envolvimento do homem com a gravidez, o parto e os cuidados com o bebê, como destacam Brasileiro et al. (2011), ao apresentar uma abordagem interdisciplinar.

No momento em que o homem se descobre pai, ele vivencia uma metamorfose que ninguém jamais lhe contou, um processo único em sua trajetória de vida, protótipo de transformação de identidade. O homem, que antes era filho, passa a ocupar, também, o papel de pai, numa experiência de ganhos e perdas, como salienta Amaral (2014). Assim, um homem vai aprendendo a ser pai no convívio com os filhos.

A chegada do primeiro bebê inicia uma nova configuração familiar. É um momento de envolvimento material e emocional que requer maturidade e transformações contínuas do casal. Questões culturais são evidenciadas quando o casal de “primeira viagem” começa a cuidar do bebê. O cuidado é um discurso naturalizado que coloca o homem como provedor financeiro da família e na invisibilidade em relação ao exercício de cuidar. Assim, o homem tem que ultrapassar fronteiras para ser pai.

O homem passa por diversas transformações quando recebe a notícia que vai ser pai. Com o nascimento de um bebê, vem uma nova fase do ciclo de vida familiar, que propicia uma atmosfera favorecedora do amadurecimento do homem que começa a assumir o papel de pai. Especialmente, o nascimento do primeiro filho indica mudanças que poderão vir como uma crise ou serem vistas como uma passagem, um transitar para novas responsabilidades e formas de ser e estar no mundo. Cabe destacar que, para Cerveny e Berthoud (2010), a formação de um novo sistema familiar altera todos os demais sistemas: assim como o casal jamais será o mesmo após o nascimento do primeiro filho, também as famílias de origem jamais serão as mesmas com o nascimento de um neto. Surge um novo vínculo entre as gerações com o nascimento de um bebê. Assim, ser pai requer ajustes psicológicos e sociais nos indivíduos, pois as mudanças que ocorrem são irreversíveis.

Também é importante lembrar que diversas transformações familiares, culturais e históricas ocorridas na sociedade contemporânea tornaram mais complexo e plural o papel do pai na família. Com essas mudanças acontecendo, fica cada vez mais relevante estudar o envolvimento paterno no período de transição para a paternidade. Nesse sentido, o presente estudo tem por objetivo geral investigar, na perspectiva do pai, o envolvimento paterno durante a gestação, o parto e o terceiro mês do bebê.

Quando nasce uma criança, geralmente dois adultos passam a ser o pai e a mãe biológicos desse indivíduo. Entretanto, não é o fato de ter um filho biológico que faz o homem assumir, instantaneamente, o papel de pai. Esses aspectos são abordados por Palkovitz (2007), que ressalta a importância do tempo para o homem se reestruturar cognitivamente e ajustar seus comportamentos ao passar pelas transições para a paternidade. Nesse sentido, o homem que se envolve com seu(sua) filho(a), passará por mudanças psicológicas e comportamentais, demandando tempo e ajustes constantes para desempenhar o papel de pai. Dessa forma, o pesquisador que reflete sobre o contexto familiar do pai, busca entender o homem na transição para a paternidade de maneira integral, observando como se dá a formação de valores, crenças e práticas do pai nas relações que estabelece na família. Portanto, discutir o conceito de ser pai na contemporaneidade é essencial e relevante para abordar a dinâmica do desenvolvimento do homem no seu curso de vida.

O processo de transição em direção à parentalidade foi objeto de inúmeros trabalhos, principalmente com as mães e, mais recentemente, também com os pais. A partir de suas pesquisas sobre maternidade e paternidade, Houzel (2004) subdividiu a parentalidade em três eixos que serão descritos a seguir: o primeiro eixo consiste no exercício da parentalidade, que implica o “exercício” de direitos e deveres. Tal aspecto define um domínio que transcende o indivíduo, sua subjetividade e seus comportamentos, situando-o nos seus laços de parentesco. Segundo o autor, em toda sociedade há uma definição precisa de laços de parentesco que designa o lugar de cada indivíduo numa sociedade concebida como um conjunto organizado. O segundo eixo é a experiência da parentalidade, que se refere à experiência subjetiva consciente e inconsciente do fato de vir a ser pai ou mãe e de preencher papéis parentais. Compreende aspectos como: o desejo pela criança e o processo de transição em direção à parentalidade. Comporta, também, um conjunto de tendências, de sensibilidades, de fantasias, de medos e de desejos específicos. O último eixo é a prática da parentalidade, que está relacionada às tarefas cotidianas que os pais devem executar junto à criança. É a área dos cuidados maternos e paternos. Mais recentemente, a noção de interação descreve as trocas entre pais e filhos, destacando a parte ativa que o bebê tem.

Krob, Piccinini e Silva (2009) investigaram a transição para paternidade a partir das expectativas e dos sentimentos de pais residentes na grande Porto Alegre durante a gestação e, também, a experiência da paternidade após o nascimento do bebê. Tanto as gestantes como os pais estavam esperando o primeiro filho e moravam juntos e tinham nível socioeconômico médio-baixo. Os participantes foram convidados a participar do estudo em dois locais: um hospital e um posto de saúde da rede pública. A partir dos resultados obtidos, os autores concluíram que a transição para a paternidade é um processo que envolve inúmeras alterações na vida do homem, tanto individuais quanto no relacionamento com a mãe do bebê e com a família como um todo, exigindo uma série de adaptações e mudanças por parte dos pais.

Conforme Parke (1986), a transição para a paternidade não é um evento isolado, mas um processo gradual, que consiste na familiarização do homem com os desafios de um novo papel. O referido autor salienta que, antes mesmo da gravidez, as decisões quanto a filhos, quando tê-los e como tê-los (reprodução natural ou assistida ou adoção) constituem parte da complexa transição para a paternidade. O pai começa a ser reconhecido no desempenho de importantes papéis durante a gravidez.

Segundo o autor, o envolvimento paterno representa um investimento social e humano, que promove ao homem comprometimento e suporte familiar. Para isso, o homem deve ser ouvido em suas inquietações e demandas, frente ao processo de transição para a paternidade. Dessa forma, nota-se que a criação de políticas efetivas favorece a promoção do envolvimento paterno, evidenciando a importância

de incentivar e possibilitar condições materiais que fortalecerão os vínculos familiares e, especialmente, entre pai e filho.

O que acontece com o homem ao receber a notícia de que vai ser pai pela primeira vez? A transição para a paternidade representa uma mudança significativa para o homem, causando transformações subjetivas e também nas suas relações familiares e sociais. Assim, tornar-se pai provoca mudanças em todo o curso de vida do homem e da família e, pouco a pouco, o pai começa a ser reconhecido no desempenho de importantes papéis durante a gravidez.

Materiais e métodos

O percurso metodológico utilizado no presente estudo pretendeu atingir o objetivo geral de investigar, na perspectiva do pai, o envolvimento paterno durante a gestação, o parto e o terceiro mês do bebê, no contexto de Salvador/Bahia/Brasil.

Delineamento

A metodologia utilizada foi qualitativa, tendo sido realizado um estudo descritivo e longitudinal. Foi utilizado o referencial teórico metodológico da pesquisa qualitativa, buscando o enriquecimento dos dados colhidos por meio da investigação com amostragem intencional qualitativa, realizando análise cuidadosa dessa representatividade, possibilitando quantificar estatisticamente as respostas obtidas, obedecendo a uma hierarquia de categorias que aparece nas falas dos pais entrevistados. Essa abordagem aproxima o pesquisador da realidade observada, mostrando-se apropriada ao objeto da investigação.

Local e participantes

Participaram da pesquisa 30 homens que estavam vivenciando a gestação, o parto e o pós-parto do (a)seu (sua)primeiro (a) filho (a). Esses homens aceitaram colaborar com o estudo assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e participando de entrevistas gravadas que ocorreram em três momentos: no último trimestre de gestação, uma semana após o parto e três meses após o nascimento de sua criança.

Os participantes foram acessados em uma clínica de obstetrícia que atende à população de classe média da cidade de Salvador/Bahia Brasil. A escolha dessa clínica, em particular, foi feita utilizando o critério de acessibilidade e porque, em clínica de obstetrícia, seriam encontrados homens cujas esposas/companheiras estariam grávidas. Os critérios de inclusão foram: ser pai pela primeira vez, estar vivenciando o período de gravidez de sua companheira e assinar o termo de consentimento livre e esclarecido. Estabeleceu-se como critérios de exclusão: ser pai biológico¹ ou social² de criança já nascida e/ou não assinar o termo de

consentimento livre e esclarecido.

Na Tabela 1, a seguir, constam os dados de identificação dos participantes³: idade, religião, escolaridade, estado civil, ocupação, carga horária semanal de trabalho, renda familiar (em reais) e classe social. Cabe informar que, com relação à escolaridade, foram adotados os seguintes códigos: EMI (Ensino Médio incompleto), EMC (Ensino Médio completo), ESI (Ensino Superior incompleto), ESC (Ensino Superior completo), PGI (Pós-Graduação incompleta) e PGC (Pós-Graduação completa).

Também é importante destacar que as classes sociais foram definidas a partir do critério estabelecido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no Censo de 2010, que estabelece os diversos níveis de classe pelo número de salários mínimos ganhos a cada mês: Classe social A – ganho mensal de mais de quinze salários mínimos (mais de R\$ 11.820,00); Classe social B – mais de cinco a quinze salários mínimos (mais de R\$ 3.940,00 a R\$ 11.820,00); Classe social C – mais de três a cinco salários mínimos (mais de R\$ 2.364,00 a R\$ 3.940,00); Classe social D – mais de um a três salários mínimos (mais de R\$ 788,00 a R\$ 2.364,00); Classe social E – até um salário mínimo (até R\$ 788,00)⁴.

Tabela 1
Dados de identificação dos pais. Salvador, 2015

Código*	Idade	Escolaridade	Estado Civil	Religião	Ocupação	Carga horária semanal de trabalho	Renda Familiar (em reais)	Classe social
P1	29	ESI	Casado	Católica	Segurança	30 h	3.000,00	C
P2	35	EMC	Casado	Não tem	Técnico Operacional	40 h	5.000,00	B
P3	36	ESI	Casado	Católica	Gerente de loja	44 h	5.000,00	B
P4	29	ESC	Solteiro	Não tem	Biomédico	40 h	5.000,00	B
P5	35	PGC	Casado	Espirita	Engenheiro Mecânico	40 h	15.000,00	A
P6	38	PGC	Casado	Espirita	Dentista	40 h	20.000,00	A
P7	30	PGC	Casado	Católica	Médico	50 h	15.000,00	A
P8	29	EMI	Casado	Não tem	Professor	40 h	5.000,00	B
P9	25	PGI	Casado	Não tem	Empresário	60 h	4.000,00	B
P10	32	PGC	Casado	Católica	Advogado	40 h	6.000,00	B
P11	32	PGC	Casado	Católica	Engenheiro Eletricista	50 h	30.000,00	A
P12	31	ESC	Casado	Não tem	Engenheiro Eletricista	40 h	20.000,00	A
P13	23	ESI	União Estável	Católica	Assistente Executivo	40 h	1.500,00	D
P14	40	ESI	Casado	Católica	Consultor de vendas	44 h	10.000,00	B
P15	31	PGI	Casado	Católica	Engenheiro	40 h	20.000,00	A
P16	32	EMC	Casado	Não tem	Caldeireiro	40 h	3.000,00	C
P17	32	PGI	Casado	Católica	Advogado	40 h	7.000,00	B
P18	26	EMC	Casado	Católica	Inspetor Técnico	40 h	5.000,00	B
P19	33	ESI	União Estável	Não tem	Fisioterapeuta	44 h	2.400,00	C
P20	27	ESI	Casado	Não tem	Vendedor	40 h	2.000,00	D
P21	33	PGC	Casado	Não tem	Procurador Federal	40 h	16.000,00	A
P22	32	PGI	Casado	Não tem	Coordenador de imobiliária	30 h	8.000,00	B
P23	30	PGC	Casado	Não tem	Enfermeiro	74 h	8.000,00	B
P24	33	EMC	Casado	Não tem	Taxista	50 h	4.000,00	B
P25	36	EMC	Solteiro	Católica	Eletrotécnico	40 h	4.000,00	B
P26	21	ESI	Solteiro	Católica	Estudante	20 h	6.000,00	B
P27	40	ESC	Casado	Católica	Coordenador em concessionária	40 h	8.000,00	B
P28	24	ESI	União Estável	Não tem	Estudante	40 h	1.000,00	D
P29	30	PGI	Casado	Evangélica	Advogado	40 h	8.000,00	B
P30	36	PGC	Casado	Adventista	Chefe de RH	40 h	7.000,00	B

Elaboração própria.

* Os participantes foram identificados pela letra “P” de pai e, em seguida, por seu número correspondente, que variou de 1 a 30 (correspondente ao número total deles), ficando P1, P2, e assim por diante.

A idade por participantes variou de 21 a 40 anos, sendo que 14% dos pais tinham de 21 a 25 anos, 23% de 26 a 30 anos, 40% de 31 a 35 anos e 23% de 36 a 40 anos, ou seja, 63% deles tinham mais de 30 anos. A média das idades é 31 e o desvio padrão é 5.

Com relação à religião, 43% eram católicos, 8% eram espíritas, 3% eram adventistas, 3% eram evangélicos e 43% informaram que não tinham religião, sendo assim, dentre os pais que informaram ter alguma religião, predominou a católica.

A escolaridade dos pais variou de Ensino Médio incompleto à Pós-graduação completa, sendo que 3% dos pais cursaram o Ensino Médio incompleto, 16% o Ensino Médio completo, 27% o Ensino Superior incompleto, 10% o Ensino Superior completo, 17% a Pós-graduação incompleta e 27% a Pós-graduação completa. Assim, 54% deles cursaram, pelo menos, o Ensino Superior completo.

No que diz respeito ao estado civil, 80% dos entrevistados eram casados, 10% tinham união estável e 10% eram solteiros, sendo assim, a maioria era de pais casados.

Os tipos de ocupação dos participantes foram diversos, sendo que 21% atuavam na área administrativa (um gerente, dois coordenadores, um empresário, um assistente executivo, um chefe de RH), 18% eram profissionais da área de saúde (um dentista, um médico, um fisioterapeuta, um enfermeiro e um biomédico), 11% eram engenheiros, 11% eram da área de Direito (três advogados e um procurador), 11% dos pais eram técnicos no setor industrial, 7% eram vendedores, 4% eram caldeireiros, 4% faziam serviço de segurança, 3% professores e 3% eram taxistas. Além disso, cabe destacar que 7% dos entrevistados não estavam trabalhando no momento, mas eram estudantes do Ensino Superior.

No que diz respeito à carga horária semanal de trabalho, 3% dos pais trabalhavam 20 horas semanais, 7% trabalhavam 30 horas semanais, 67% trabalhavam 40 horas semanais e 23% dos pais trabalhavam mais de 40 horas semanais (17% por 50 horas, 3% por 60 horas e 3% por 70 horas). Dessa forma, é relevante destacar a elevada carga horária laboral dos pais, sendo que 90% deles trabalhavam por 40 horas ou mais.

A renda familiar variou de um a trinta mil reais e a classe social variou de A a D, sendo que 23% dos pais eram de classe A, 57% de classe B, 10% de classe C e 10% de classe D. Como destacado anteriormente, a clínica na qual os pais foram acessados atende, predominantemente, a pessoas das classes A e B, no entanto, também foram encontrados participantes das classes C e D, em decorrência de planos de saúde adquiridos a partir do trabalho dos pais ou das mães dos bebês. Diante de tal realidade, 80% dos pais pertenciam às classes A ou B, cuja renda familiar mensal era superior a cinco salários mínimos, e 20% deles eram das classes C ou D, com renda familiar mensal de mais de um a cinco salários mínimos. Mesmo isso

ocorrendo, os dados dos participantes serão analisados conjuntamente, pois essa pesquisa não tem por objetivo comparar classes sociais.

Instrumentos

Para a realização da pesquisa, foram construídos três roteiros de entrevista, que foram aplicados em diferentes momentos: durante a gestação, uma semana após o parto e aos três meses de nascimento do primeiro filho do participante. O roteiro de entrevista caracterizou-se por ser semiestruturado e com questões abertas, possuindo o formato do tipo pergunta e resposta e com questões precisas e ordem, mas também permitiu que a entrevista fosse desenvolvida com flexibilidade, como um resultado da troca entre entrevistado e pesquisador, sendo que o participante pôde falar bastante ou muito pouco, o tanto quanto ele achasse melhor.

Procedimentos

Foi realizada a revisão de literatura sobre transições para a paternidade e envolvimento paterno. Com base em tais dados, foram construídos os roteiros de entrevista e o projeto de pesquisa foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Maternidade Climério de Oliveira, número do parecer 482.943, como critério primordial para a sua efetivação.

Após a aprovação do estudo em tal Comitê, foi realizada a coleta de dados. Foram convidados a participar do estudo homens cujas mulheres estivessem grávidas e estivessem sendo acompanhadas em uma clínica obstétrica de Salvador, que atende, em sua maioria, à população de classe média. Os pais com menores rendas familiares têm como assistência para esse momento gravídico puerperal o plano de saúde das empresas que trabalham.

Foi estabelecido contato com os participantes em três momentos distintos: no último trimestre de gestação, uma semana após o parto e três meses após o nascimento de sua criança. As entrevistas foram gravadas e ocorreram em local de conveniência para os pais. Todos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Análise dos dados

As entrevistas gravadas foram transcritas e, posteriormente, foram analisadas, utilizando o sistema de análise qualitativo proposto por Biasoli-Alves e Dias da Silva (1992), que aponta que entrevistas semiestruturadas produzem um volume muito grande de informações, que se apresentam extremamente diversificadas pelas peculiaridades de cada entrevistado. O sistema de análise proposto pelas autoras consta de dois momentos: um levantamento de todas as respostas obtidas de forma a compor uma lista que dará origem, a seguir, a uma categorização de acordo com a proximidade

de sentido e depois de uma análise minuciosa do significado que pode ser atribuído a cada resposta. Quando o sistema de categorias é construído (infere-se o sentido), passando, a seguir, a quantificar, contando a frequência com que as categorias aparecem, verificando as respostas iguais ou semelhantes, a fim de ponderar a prevalência das categorias em cada grupo de participantes.

Visando validar o procedimento de análise, as categorizações foram realizadas por dois codificadores, para, em seguida, serem confrontadas e reformuladas, até chegarem a um consenso.

Resultados e Discussão

Neste tópico, serão apresentados os resultados obtidos em cada uma das três fases de coleta de dados: (a) período da gestação do primeiro filho; (b) uma semana após o parto; (c) aos três meses do bebê. Após a apresentação dos dados de cada etapa, será feita a discussão e, ao final, será realizada uma discussão geral, considerando os aspectos longitudinais da investigação.

Dados obtidos no período da gestação do primeiro filho

Os tópicos a seguir apresentam os resultados obtidos a partir das entrevistas com os 30 pais participantes do estudo, no último trimestre da gestação do(a) primeiro(a) filho (a) deles, consistindo na primeira fase da coleta de dados.

Experiências da paternidade

Neste tópico, serão apresentadas as experiências da paternidade.

Ao se perguntar como o pai se considera no período da gestação do filho, tendo em vista que a companheira é considerada grávida, estabeleceram-se alguns critérios explicativos para entender o que é ser pai no período da gestação, que se retratam nas seguintes categorias: “considera-se pai”; “transição para a paternidade”; “ainda não se considera pai”.

Apareceram, de forma majoritária, os pais que se consideram em fase de transição para a paternidade (60% dos participantes), como ilustra a fala a seguir: “Grávido (...) estar se preparando para ter um bebê” (P3). Em seguida, 20% dos participantes consideram-se pai, tendo como exemplo o relato: “Já sou pai” (P1). Cabe destacar que, também 20% dos entrevistados ainda não se consideram pai durante a gestação do filho, é o que foi encontrado nas seguintes falas: “Eu me considero um elemento de apoio na gravidez. Não me considero grávido, até porque ela (refere-se à esposa) passa pelas maiores dificuldades e as situações, é ela que vive.” (P21) e “Esposo de uma grávida. Eu estou mais para futuro pai” (P22).

Destacou-se que, na gestação do filho, há um maior cuidado com a esposa, atenções estas que, eventualmente, podem se refletir no cuidado indireto com o filho. Diversos pais mencionaram as atenções e os cuidados com a esposa como formas de atingir positivamente o bebê. Tais intenções são ilustradas no relato que segue:

“Ah! Eu me considero muitas vezes assim, como grávido também (risos), por assim dizer. Assim, de forma que eu tento estar o mais próximo possível para, para entender assim, todos os momentos que ela vivencia, eu tento estar sempre próximo. Preocupar com a alimentação dela, com o sono, com todas as coisas. Eu acho que é importante desde o começo, desde o processo da gravidez que o pai esteja já inteirado, mesmo porque a mãe que está carregando a criança dentro de si, que o pai vai estar nesse momento todo de folga. Na verdade, não. Acho que ele já desde o princípio deve estar lá dando suporte. Primeiramente para a mãe, mas já pensando que aquele suporte ali já está sendo também direcionado para o filho, uma alimentação, um exercício físico, assim, uma boa atmosfera de comunicação e tudo mais, ela eu acredito que vai levar a um melhor desenvolvimento da criança né.” (P26).

As mulheres, quando sabem que estão grávidas, devido às questões fisiológicas e por carregar o bebê no ventre, se dão conta, o tempo todo, da maternidade, enquanto os homens, quanto mais próximos, mais se dão conta da gestação de seu filho e quanto mais distantes, mais difícil fica de se preparar para a paternidade. A título de exemplo, têm-se os relatos que expressaram essa circunstância:

“Ah! A gente às vezes até usa a expressão assim, ‘está grávido também’. Mas, eu acho que o homem acaba não sentindo isso como a esposa. Eu acho que o sentimento do homem. Não sei. Acho que é bem diferente da esposa. A gente não carrega tanto. A esposa, ela grávida, uns quase dez meses durante a gravidez. O marido acha que ele se sente mais grávido, quando ele está muito próximo da esposa, assim, no momento mais descontraído. Que, quando ele está trabalhando, quando ele está envolvido no dia a dia dele, não é que ele esqueça de que vai ser pai, mas não carrega aquela, aquela coisa mais tão intensa como a mãe. Então, não acho que ele chega se sentir grávido, ele participa, mas de uma forma bem mais, bem mais afastada.” (P15)

“Eu me considero atualmente um meio-grávido por não estar morando com a minha companheira, porque se estivéssemos morando juntos, estaria grávido junto com ela.” (P4); “Eu queria ser um pai mais presente, acompanhar esta gravidez mais de perto, mas esta vida cotidiana, agitada, faz com que eu acabe perdendo algumas coisas, possuo dois empregos para sustentar o padrão de vida, acho que, por ser jovem, tenho que tentar ao máximo manter um bom padrão de vida, talvez, no futuro, eu não consiga manter os dois trabalhos, mas

ainda sou jovem. Me considero futuro pai.” (P23).

Assim, as dificuldades se dão quando o pai mora longe da grávida ou por motivo do pouco tempo disponível com a grávida devido ao trabalho.

Nos resultados encontrados, percebe-se que alguns pais esperam se envolver mais com o(a) filho(a) depois do nascimento, os entrevistados manifestam ter sentimentos típicos do estado de ansiedade e expectativas sobre o nascimento iminente do filho, demonstrando o desejo de ver a criança para que ele (o pai) possa interagir melhor com seu filho.

Apesar de ainda não existir, em nossa cultura, um termo para o “pai grávido” equivalente à expressão inglesa *expectant father* (PARSEVAL, 1986), muitos autores têm se dedicado ao estudo deste, que é considerado o principal período de transição ao desenvolvimento adulto. Mas, como deve ser chamado o pai durante a gestação de sua esposa? Partindo desta inquietação, Bornholdt (2002), em seu estudo sobre o “pai grávido”, discute a questão. Identificou-se que, durante essa etapa, alguns autores podem chamar o pai de “futuro pai”, “homem grávido”, usar o termo em inglês *expectant father* ou traduzi-lo, literalmente, como “o homem que espera”.

Segundo a autora, essa necessidade de nomear o homem diante da gestação de sua esposa reflete, de alguma forma, seus sentimentos neste período e suas dúvidas quanto ao seu papel. Tendo em vista que as vivências dos homens podem ser bastante distintas, a autora concluiu que, se o homem está bastante envolvido e já se sente verdadeiramente pai durante a gestação do bebê, ele já poderá ser chamado de “pai”, e aos outros, que ainda assistem à gravidez como telespectadores, podem ser denominados “futuros pais”.

Quando o homem é inserido no contexto da gravidez, sua participação ativa ajuda-o a envolver-se afetivamente com o filho e a sentir-se pai. No momento em que o homem recebe a notícia da gravidez, ele começa sua transição para a paternidade, podendo se envolver de diversos modos, como: apoiando a companheira, participando das consultas pré-natais, dos exames, das ultrassonografias, do planejamento para o parto, compartilhando as responsabilidades com a grávida, entre tantas outras possibilidades.

Ao participar do acompanhamento pré-natal, o pai pode compreender melhor as necessidades da esposa/companheira e do bebê, esclarecer suas dúvidas sobre a gravidez e o parto, além de, mais facilmente, poder ser cuidado pela equipe de saúde. O homem que passa pela transição para a paternidade pode ter, com a equipe que acompanha a gestação, uma relação de confiança e de ajuda mútua, que valoriza a participação do acompanhante e favorece a garantia de direitos tanto da mulher grávida quanto do próprio pai.

Entre os diversos sentimentos que aparecem no período de gestação do (a) filho (a), destacam-se os relativos à ansiedade, apreensão e

preocupação do pai, o que se verifica nos relatos seguintes: “me considero apreensivo, aguardando muito a chegada, é algo meio introspectivo.” (P29); e “preocupado, porque eu não sei o que virá e eu tento me enquadrar no controle e na paciência para o que virá.” (P9).

Resultado que está de acordo com a observação de Bornholdt (2002), que verificou haver correlação entre o modo pelo qual os homens se nomeiam durante o período de gestação do primeiro filho e os sentimentos vivenciados e as dúvidas quanto ao papel de pai. Nas falas dos entrevistados, parece haver uma conexão entre a forma como esse homem se nomeia ao esperar seu primeiro filho e o envolvimento paterno. Portanto, identificou-se que o homem que se nomeia como grávido está demarcando um processo de transição para a paternidade, o que já se percebe pai está bastante envolvido e, por outro lado, outros que ainda assistem à gravidez como telespectadores podem ser denominados “futuros pais”.

Resultados semelhante também constam nas discussões de Vieira et al. (2014), nas quais ficou evidenciada a complexa transição para a paternidade, enfatizando a importância de se conhecer as vivências e os sentimentos do pai durante a gestação de seu/sua filho (a), permitindo o sentimento de inclusão e ajudando o homem a elaborar o novo papel que passava a assumir.

Reações com a descoberta da paternidade

Na sequência, foi perguntado aos participantes quais tinham sido as reações deles quando receberam a notícia da gravidez de sua esposa/companheira. As respostas deram origem e notoriedade às seguintes categorias: (a) Satisfação; (b) Preocupação inicial seguida de satisfação; (c) Reação negativa por falta de preparação para ser pai; (d) Ansiedade em decorrência de aborto espontâneo anterior.

Destacam-se os relatos que expressaram uma reação de satisfação (50% dos entrevistados), sendo exemplificados pela fala: “Eu fiquei feliz. Fui eu que peguei os exames e falei ‘Você está grávida’. Ela que não acreditou. Aí foi uma felicidade só.” (P27). A reação inicial de preocupação e, depois, satisfação (34% dos casos) pode ser exemplificada com o relato

“A primeira reação foi de desespero né. É, porque até pela minha criação que eu tive. Acabou me trazendo a imagem de um pai responsável. Meu pai era assim, uma referência que eu tenho. Eu acabei adaptando isso para mim né. Então, eu sentia que isso seria o sinal, o símbolo de responsabilidade daqui para frente que eu teria que ter e muito, né. Eu, pelo fato de eu gostar muito de um ambiente com paz que eu possa me concentrar para minhas atividades, que eu possa me dedicar, eu ficava principalmente pensando nisso, né. Eu comecei a perceber que eu posso de alguma forma administrar isso. Aí eu fui diminuindo a ansiedade, fui diminuindo, hoje em dia eu aceito e me sinto feliz né. Ouço muita gente dizer que é o momento

mais feliz na vida de uma pessoa né. Muitos colegas falam, e isso me traz curiosidade.” (P2).

Houve, também, algumas reações negativas, pelo fato de o entrevistado não estar preparado para ser pai (13%), sendo demonstrado no seguinte relato

“No momento para mim, foi um baque, foi um choque. Até porque a gente tinha uns planos para começar esse ano também aí, que devido a isso vai ter que ser adiado. No primeiro momento, até a primeira semana, primeiro mês foi um choque. Ficava perdido sem saber o que fazer. Mas, depois não, depois fui me acostumando.” (P20).

Por último, fez-se presente a reação de ansiedade, por ter havido aborto espontâneo em gestação anterior (3%), o que pode ser visto no relato que segue:

“Tive uma notícia um pouco conturbada, pois tentamos que ela engravidasse outras vezes, mas ela perdeu três vezes. Perdeu de forma espontânea. Então, até esta gravidez está sendo um pouco insegura. Por ela ter três perdas, possuo muito medo em relação a toda sintomatologia, qualquer alteração. Tento dar todo o suporte que eu possa dar para ela como gestante, por exemplo, quando eu estou folgando, eu levo ela no trabalho, faço com que ela não tenha esforço físico, estímulo atividade física e alimentação balanceada, até porque tenho medo do dano psicológico que ela possa ter se ela tiver outra perda. Creio que agora não tenha mais este risco pois ela já está com sete meses, a última ela tinha perdido com três meses, mas mesmo assim é algo que foi bastante inseguro para mim, recebi a notícia da gravidez um pouco temeroso.” (P23).

Dados obtidos no período do parto

Na primeira experiência direta com o filho, alguns entrevistados disseram que passaram a ter a noção concreta de que eram pai (9%). É exemplo de tal resposta a fala:

“Entre vidros. Ah cara! Emoção muito grande. Eu não parava de chorar. A emoção é uma coisa que não tem explicação. Eu não sei se o pai, apesar de a mãe estar carregando ali, naquela coisa, mas, por mais que o pai se envolva, só naquela hora do nascimento ali, eu acho que o pai tem é uma real situação. Eu, então, não conseguia parar de chorar.” (P14).

Ainda alguns pais reconheciam a fragilidade do bebê (7%), como pode ser ilustrado na fala:

“Ah um choque. Um susto. (...) E a equipe médica é muito tranquila, já entrega aquele bebê lambuzado mesmo para você, sabe, com o

cordão umbilical e fala: -“Toma aí que é seu. Mãe, abraça! Pai, beija pai! Beija, mãe! Você acha aquilo ali tão delicado, tão singelo, que você fica: ‘Ai meu Deus! Eu não posso abraçar, não posso beijar, não posso nem pegar.’ E o médico não, o médico fala justamente o contrário: - ‘Não, beija! Não, abraça! Não, pegue!’ Então, você fica muito receoso, mas aí vai dando uns segundinhos e você vai se acostumando. (...) E aí você se sente mais à vontade de pegar na mãozinha, de passar a mão, de pegar na cabeça.” (P15).

Por fim, em algumas respostas (7%), os pais apresentaram, nas falas, o reconhecimento de um milagre, como pode ser visto a seguir: “A primeira vez foi surpresa. Meu Deus! Tinha uma menina dentro da barriga de minha mulher e essa menina saiu e de repente, pluf, sai, começa a chorar e a comer. É um milagre.” (P7).

Logo depois, perguntou-se aos entrevistados sobre como eles vivenciaram a experiência de segurar o bebê no colo pela primeira vez. As respostas foram diversas, como pode ser visto a seguir. Houve destaque para a resposta com satisfação/prazer/emoção, 36% das respostas, sendo ilustrada na fala: “Quando botou no meu colo, rapaz é algo muito forte. Muito forte mesmo. É único. Eu já sabia disso, mas eu senti, até então eu não tinha sentido. É muito bom.” (P5). Também, com 36% das respostas, os pais falaram que tiveram bastante cuidado ao segurar o bebê, tanto pela fragilidade do (a)filho (a), quanto pela inexperiência de carregar bebê, como pode ser ilustrado nas seguintes falas: “Foi com muito cuidado, com medo, porque ele (bebê) é muito pequenininho. Todo frágil, mas é confortante. Uma coisinha tão pequenininha, tão frágil.” (P6) e “Fiquei com medo e nervoso.” (P18). Ao segurar o bebê no colo pela primeira vez, alguns entrevistados disseram que passaram a ter a noção concreta de que eram pais (15%), inclusive de responsabilidade, de proteção, de que o filho é parte dele, como mostra a seguinte fala: “Muito bom, muito gostoso, era como se eu estivesse me pegando no colo, era como se ele fizesse parte de mim.” (P10).

Por fim, alguns pais alegaram que se sentiam seguros para carregar o bebê (13%), como ilustra a fala:

“Uma emoção também muito diferente e, ao mesmo tempo, surpreendente, porque eu nunca peguei um recém-nascido e, com meu filho, eu parecia um expert, porque ele é todo molinho, todo sensível e eu peguei, quebrando os paradigmas. Hoje em dia, eu pego qualquer recém-nascido de boa.” (P25).

Pode-se perceber, ainda, que, em relação a pegar o bebê no colo, alguns entrevistados pareciam esperar serem “autorizados” a carregar o filho pela equipe médica e pela família, sendo que alguns pais foram incentivados a carregar o bebê logo após o parto, inclusive, primeiro que a mãe, mas algumas equipes só entregavam para a mãe ou entregavam para o pai após procedimentos de cuidados iniciais.

Observa-se a iniciativa do pai seja para querer pegar logo o(a) filho(a) ao colo ou demorar um pouco mais para adquirir confiança. Além disso, é atribuída ao pai a função de pegar o bebê no colo para apresentar aos familiares. Tais dados do presente estudo se assemelham com os resultados de pesquisas realizadas por Piccinini et al. (2004) ao identificarem que os pais que se envolveram com o parto manifestaram carinho e apoio à esposa, e viram a necessidade da dedicação pós-parto. Resultado encontrado no estudo de Tomereli (2007) revela que a presença do pai no parto, fazendo carinho e ajudando a mãe, que costuma estar tensa e ansiosa, faz com que ela se sinta mais segura, acolhida e tranquila.

A participação do pai no parto reforçou o sentimento de responsabilidade e favoreceu sua transição para a paternidade. Esse destaque também foi identificado na pesquisa de Carvalho (2002), que retratou a presença do pai na hora do parto como um processo que facilita a formação de vínculos entre o pai, o bebê e a mãe, favorecendo a construção de novos modelos para a paternidade.

Dados obtidos no período do terceiro mês de vida do bebê

A seguir, será apresentada a avaliação que os entrevistados fazem de si mesmos na condição de pais, aos três meses após o nascimento do bebê. Destaca-se que 70% deles têm uma avaliação predominantemente positiva de si enquanto exercendo o papel de pai. As principais justificativas são: consideram-se bons pais, sendo participativos e presentes na vida do bebê. Além disso, também se consideram responsáveis, amorosos e cuidadosos. Por outro lado, 30% dos participantes consideram que precisam melhorar enquanto pais, alegando que ainda estão aprendendo a cuidar do bebê (dar banho, carregar com confiança, colocar para arrotar e acalmá-lo) e a ser pai. Também gostariam de ter maior disponibilidade de tempo nos dias úteis, o que é prejudicado pela carga horária de trabalho, assim como gostariam de adquirir maior conhecimento sobre cuidados e educação dos filhos por meio de leituras e compartilhamento de vivências com outros pais. Além disso, reconhecem que precisam compartilhar mais com a esposa os cuidados do bebê.

A fala seguinte ilustra o momento de transição para a paternidade:

“Eu já gostava de me organizar, de fazer planos e eu acho que isso aumentou umas mil vezes. Eu estou querendo buscar, sempre lendo alguma coisa, sempre conversando com alguém, buscando mais informações sobre bebê, sobre educação. Ontem mesmo, estava conversando com uma tia minha, que é fisioterapeuta, sobre os cuidados com a coluna da criança. Preocupado em buscar novos conhecimentos para dar a minha filha uma educação melhor” (P26).

Sobre as fontes de aprendizagem relacionadas a como ser um bom pai, identificou-se que os participantes aprendem a ser pai: observando a interagindo com o(a) próprio(a) filho(a); relembrando a experiência com o

próprio pai; observando como a companheira cuida do bebê; lendo sobre o assunto e compartilhando vivências com outros pais e mães.

Aos três meses após o nascimento do bebê, as mudanças ocorridas nas vidas dos participantes foram: maior responsabilidade, valorização mais intensa da convivência familiar, priorização do tempo para o cuidado com o bebê; maiores preocupações com o futuro (do/a filho/a, de sua própria vida e da família como um todo). Todas essas transformações demonstram uma ampliação no sentido da vida desses pais, apresentando uma preocupação mais concentrada na família. Há, também, mudanças na visão do que é ser pai. Tanto no período da gestação quanto aos três meses do bebê, os pais destacam o fato de se tornarem mais responsáveis, tendo um empenho maior no trabalho e maiores preocupações com a esposa e com o filho. Houve a valorização da família e o filho é a centralidade na vida desses pais. Tornar-se pai amplia o sentido da vida. Resultado também encontrado nos estudos de Krob, Piccinini e Silva (2009), revelando a transição para a paternidade como um processo que abarca diversas mudanças na vida do homem, tanto pessoais quanto no relacionamento conjugal e com a família como um todo, exigindo uma série de ajustes por parte dos pais.

Por sua vez, a manifestação de carinho/amor/afeto e as conversas com o bebê também aumentaram entre os pais no período dos três meses do bebê, o que indica que o pai vai se sentindo mais à vontade e mais motivado para interagir com o(a) filho (a) aos três meses, inferindo fortalecimento de vínculo com o bebê e que há um ajuste da paternidade ao longo do tempo. Os entrevistados continuam buscando formas para que a criança o reconheça como pai. Resultado que está de acordo com os estudos de Palkovitz (2007), revelando que o homem passa por um reajuste de tarefas e prioridades ao desempenhar o papel de pai. As diversas mudanças associadas com a transição para a paternidade levam tempo e envolvem múltiplos aspectos pelo fato de a paternidade ser um papel complexo. Os pais podem demonstrar um comportamento ou atitudes paternas em algumas áreas de cuidado do desenvolvimento infantil e não em outras. Dessa forma, os homens adquirem um novo conjunto de papéis que são centrais para a sua identidade como pai. Os pais repensam a si mesmos em relação ao novo papel e essa transição requer mudança no comportamento, que necessita de tempo para acontecer. A experiência da transição para a paternidade ocorre, para cada homem, com sua própria sequência de eventos, trajetórias e conjunto de tarefas.

No terceiro mês do bebê, em termos de interação, o brincar foi unânime, além da estimulação motora, houve aumentada realização de cuidados físicos, assim como manifestação de carinho, amor e afeto. Os pais cantavam e conversavam com o filho. Em termos de responsabilidade, ampliou a de providenciar e prover o que a criança precisa, sendo que apareceu a responsabilidade com a saúde e a educação do(a) filho (a), o que demonstra maior preocupação com a criança a longo prazo. Em termos de acessibilidade, houve uma diminuição da disponibilidade, quando comparado aos primeiros dias de vida do bebê⁵, devido à alta carga horária de trabalho e os pais

tentavam conciliar o tempo, os problemas do trabalho e os de casa. A dimensão do envolvimento que obteve maior destaque foi a interação, que apareceu em diversos momentos das falas dos entrevistados, revelando que os pais estão se envolvendo mais em termos de interação com o filho ao longo desse período de transição para a paternidade.

Os resultados indicaram mudanças comportamentais, cognitivas e emocionais quando o homem descobriu que seria pai, ao ver o filho pela primeira vez, ao pegar o filho no colo, ao participar dos cuidados com o bebê. Tais resultados estão de acordo com os estudos de Palkovitz (2007), que afirmam que a escolha do homem para ser um pai presente proporciona a transição para a paternidade e a percepção de que a vida muda de forma significativa e que é preciso assumir responsabilidades maiores e amadurecer. Para esse autor, homens que são pais gastam seu tempo e dinheiro de maneira diferente daqueles que não são pais. A importância dada ao trabalho muda, os conceitos de saúde e espiritualidade também, os pensamentos e as emoções têm focos diferentes, uma vez que os homens têm filhos. Enquanto o filho cresce e se desenvolve em diferentes estágios de interesses e habilidades, os pais presentes experimentam diversas situações e sentimentos que mudam constantemente.

Considerações finais

A transição para a paternidade é um momento particularmente desafiador nas vidas dos homens, à medida que eles se ajustam às alegrias, sonhos, desafios e necessidades representadas pelo papel de pai. Há diversos caminhos para tornar-se pai, múltiplas transições para a paternidade. Esses caminhos podem incluir o pai biológico, o pai adotivo, o padrasto ou uma figura paterna. Os pais podem estar casados, solteiros, separados ou divorciados, estar ou não residindo no mesmo lar que o filho. Podem fazer, segundo Palkovitz (2007), a transição para a paternidade mais cedo, no tempo, ou mais tarde do que o tempo prescrito como socialmente apropriado. Também o grau de planejamento, prontidão e desejo por uma criança pode variar bastante entre os homens e entre o casal.

Conforme os resultados do presente estudo, os homens que passam pela transição para a paternidade começam tanto a pensar diferentemente acerca de si, quanto a agir diferente em suas vidas e relacionamentos. Nesse sentido, as reestruturações cognitivas da transição envolvem questões como a consideração de significados e de como os papéis de paternidade são imaginados, desejados e temidos. Essas mudanças cognitivas dão forma aos comportamentos dos pais, tanto por meio de modelos (tentando repetir os padrões de exemplos positivos providos pelos pais), quanto mediante uma reconfiguração (tentando divergir dos padrões negativos providos pelos próprios pais). As transições envolvem múltiplos aspectos e levam tempo. Sendo assim, assumir o papel de pai causa uma reflexão no homem, que passa a avaliar como foi criado, como quer ser na condição de pai, seus valores, sua moral e seu comportamento. Portanto, a transição

para a paternidade implica a existência de um relacionamento intergeracional e contínuo com outro indivíduo em desenvolvimento.

A transição para a paternidade representa, assim, um conjunto amplo e multifacetado de ajustes com repetidas oportunidades de mudanças. Tal transição envolve numerosos processos, que levam tempo, e uma série de mudanças contínuas e que permanecem por toda a extensão temporal do relacionamento entre pai e filho. Dessa forma, o homem se torna alguém diferente do que ele era antes, alguém que ele não conseguiria imaginar ser se não fosse pai. Os homens que passam pela transição para a paternidade, conforme Palkovitz (2007), começam tanto a pensar diferentemente acerca de si, quanto a agir diferente em suas vidas e relacionamentos. Portanto, o homem nasce como pai nessas transições.

Agradecimientos

O presente artigo constitui parte da tese “O nascimento do pai: envolvimento paterno na gravidez, parto e pós-parto, no contexto de Salvador/Bahia”, que foi defendida pela doutora Hannah Fiterman junto ao Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea/ Universidade Católica do Salvador/Salvador/Bahia/Brasil, sob a orientação da Profa. Dra. Lúcia Vaz de Campos Moreira.

Notas

¹ Pai biológico refere-se a quando pai e filho têm a mesma genética e DNA.

² Pai social diz respeito ao pai que, apesar de não ter gerado a criança, tem a função social de cuidar, amar e educar uma criança, atendendo às suas necessidades mais básicas, para que a criança tenha seu desenvolvimento saudável quanto aos aspectos físico, emocional, psicológico e espiritual.

³ Os pais foram identificados com o código “P” acrescido do número correspondente a cada um deles, que variou de um (P1) a 30 (P30).

⁴ O salário variou de um (P1) a 30 (P30). desenvolvimento saúde, a788,00 (setessentos e oitenta e oito reais).

⁵ Nos primeiros dias de vida do bebê, alguns pais estavam gozando de licença paternidade, por exemplo.

Bibliografia

- Amaral, A. C. (2014). Paternidade sólida. No: Guimarães, N. V. (Org.). *Autoridade e autonomia em tempos líquidos: a teoria sistêmica na contemporaneidade*. (pp. 227-250) Belo Horizonte, Brasil: Ophicina de Arte & Prosa.
- Biasoli-alves, Z. M. M. y Diasda Silva, M. H. G. F (1992). Análise qualitativa de dados de entrevista: uma proposta. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, Ribeirão Preto, (2), pp. 61-69. Obtido em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X1992000200007&lng=en&nrm=iso.
- Bornholdt, E. A. (2002). *Gravidez e paternidade: A vivência do pai grávido*. (Dissertação de Mestrado não publicada. Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre).
- Brasileiro, P. L.; Pontes, V. V.; Bichara, I. D. y Bastos, A. C. de S. (2010). A transição para a paternidade e a paternidade em transição. No: MOREIRA, L. V. de C.; Petrini, G. y Barbosa, F. de B. (Org.). *O pai na sociedade contemporânea*. (1), (pp. 145-166). Bauru, Brasil: EDUSC.
- Carvalho, M. L. M. de. O renascimento do parto e do amor. *Estudos Feministas*, (10), pp. 521-523, 2002. Obtido em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2002000200022/8861>.
- Cervený, C. M. de O. y BERTHOUD, C. M. E. (2010). *Família e ciclo vital: nossa realidade em pesquisa*. São Paulo, Brasil: Casa do Psicólogo.
- Houzel, D. (2004). As implicações da parentalidade. No: SILVA, M. C. P. da; SOLIS-PONTOM, L. (Org.). *Ser pai, ser mãe-parentalidade: um desafio para o terceiro milênio*. (pp. 47-51) São Paulo, Brasil: Casa do Psicólogo.
- Krob, A. D.; Piccinini, C. A. y Silva, M. da R. (2009). A transição para a paternidade: da gestação ao segundo mês de vida do bebê. *Psicol USP*, 20 (2). Obtido em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642009000200008&lng=en&nrm=iso.
- Palkovitz, R. Transitions to Fatherhood (2007). No: Brotherson, Sean E.; WHITE, Joseph M. *Why Fathers Count: The Importance of Fathers and Their Involvement with Children*. pp. 27-41. Harriman, TN: Men's Studies Press, 3 (5)
- Parke, R. (1986). *D. El papel del padre*. Madrid, España: Ediciones Morata.

- Parseval, G. (1986). *A parte do pai*. (T. C. Stummer & L. A. Watanabe, Trad.) Porto Alegre, Brasil: L&PM.
- Piccinini, C. A.; Silva, M. da R.; Gonçalves, T. R.; Lopes, R. de C. y Tudge, J. (2004). O envolvimento paterno durante a gestação. *Psicol. Reflex. Crit.*, 3 (17). Obtido em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722004000300003&lng=en&nrm=iso
- Tomereli, K. R.; Pieri, F. M.; Violin, M. R.; Serafim, D. y Marcon S. S. (2007). “Eu vi meu filho nascer”: vivência dos pais na sala de parto. *Revista Gaúcha Enfermagem*, 4 (28), pp. 497-504. Obtido em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/RevistaGauchadeEnfermagem/article/view/3110/1716>
- Vieira, M. L.; Bossardi, C. N.; Gomes, L. B., Bolze, S. D. A.; Crepaldi, M. A. y Piccinini, C. A. (2014) Paternidade no Brasil: revisão sistemática de artigos empíricos. *Arq. bras. psicol.*, 2 (66), pp. 36-52. Obtido em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arbp/v66n2/04.pdf>

* * *

Recibido: 30.04.18

Acceptado: 31.07.18